ELEIÇÕES 2022

Na capital inglesa para os ritos fúnebres de Elizabeth II, o presidente Bolsonaro faz discurso eleitoral a apoiadores. Imprensa brasileira é hostilizada e a polícia londrina tem que montar esquema de segurança

Campanha no funeral da rainha

» HENRIQUE LESSA

O presidente Jair Bolsonaro (PL) está em Londres para participar do funeral de Estado da rainha Elizabeth II. Ontem, ele assinou o livro oficial de condolências da monarca e fez um breve pronunciamento de homenagem à soberana. Depois, na embaixada brasileira na capital do Reino Unido, a austeridade e o luto deram lugar a um Bolsonaro mais à vontade ao falar, da varanda da representação diplomática, para algumas dezenas de correligionários.

O discurso aos simpatizantes começou igual ao oficial, mas, rapidamente, mudou o tom para um conteúdo mais eleitoral. Bolsonaro voltou a falar de "ideologia de gênero" e aborto e reforçou os slogans da campanha pela reeleição.

Ele citou a visita feita no dia anterior ao estado de Pernambuco e concluiu que "a aceitação é simplesmente excepcional, não tem como a gente não ganhar no primeiro turno". Na sequência, os apoiadores puxaram um coro em que repetiam "Primeiro turno! Primeiro turno!". O presidente respondeu que o país vai bem no campo econômico. "Estamos no caminho certo, somos um exemplo para o mundo na questão", declarou, antes de concluir que o Brasil "é a terra prometida".

No fim da noite, o presidente foi a um posto de combustíveis na capital inglesa onde gravou vídeo para a campanha eleitoral nas redes sociais em que mostra o preço da gasolina na cidade. Apresentou o valor de 1,61 libras (R$ 9,67) por litro e concluiu que, feito o câmbio para o real, o valor seria o dobro da média praticada no país. Ele só não disse que o salário mínimo no Reino Unido é quase oito vezes maior do que o piso brasileiro.

A visita oficial foi pensada para passar a imagem de um Bolsonaro estadista, com imagens que vão alimentar as redes sociais e a propaganda oficial da tevê do candidato. Mas o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) vai julgar um pedido feito pela candidata do PSol à Câmara dos Deputados por São Paulo Erika Hilton para que a campanha do presidente seja proibida de usar as imagens feitas em Londres, com os mesmos argumentos de abuso do poder político da ação que levou à proibição de uso das cenas gravadas nos comícios de Sete de Setembro.

Na breve fala oficial, ensaiada, após assinar o livro de condolências, Bolsonaro falou sobre o pesar do Brasil com a morte da soberana e que o "povo brasileiro guarda na memória a viagem de Elizabeth II ao país, em 1968". Na única visita da monarca ao país, ela esteve com o então presidente Costa e Silva que, poucos meses depois, decretaria o Ato Institucional nº 5, medida que fechou o Congresso e fortaleceu ainda mais o regime ditatorial, ampliando a repressão e a tortura de opositores.

"Nossos sentimentos à família da rainha e ao povo do Reino Unido. No Brasil, temos forte em nossa lembrança ainda sua passagem por lá, em 1968. Por tudo que ela representou para o seu país e para o mundo, o momento é de pesar e de reconhecimento de tudo que ela fez pelo mundo."

Jonathan HORDLE/PISCINA/AFP

Jair Bolsonaro e a primeira-dama Michelle assinam o livro de condolências pela morte da monarca inglesa

Imprensa hostilizada

Aos gritos de "mito, mito", parte dos apoiadores em frente à embaixada brasileira hostilizou os jornalistas que faziam a cobertura da presença do presidente brasileiro na capital inglesa. Mesmo durante a fala de Bolsonaro, os presentes puxaram um coro com ofensas a veículos de comunicação brasileiros que o presidente não repreendeu. Sob forte esquema de segurança da polícia local, os jornalistas ficaram separados dos apoiadores do presidente.

A polícia também foi acionada para afastar manifestantes que protestavam contra Bolsonaro do grupo de simpatizantes do presidente que se aglomerava em frente à representação diplomática brasileira. A manifestação, organizada pelo grupo Brazil Matters, levou faixas com críticas a Bolsonaro e à política ambiental do governo. Integrava o grupo alguns amigos e parentes do jornalista inglês Dom Phillips, assassinado na Amazônia em junho deste ano.

Vestido de Michelle

» RAFAELA GONÇALVES

A presença da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, nos eventos que o marido cumpre na Inglaterra como convidado do velório da rainha Elizabeth II movimentou as redes sociais. O motivo foi o vestido usado por Michelle, comparado a peças de Jaqueline Kennedy e da princesa Diana. Pelas redes sociais, apoiadores de Bolsonaro enalteceram a roupa da primeira-dama e fizeram comparações com a esposa do ex-presidente Kennedy e com a princesa inglesa, que morreu em um acidente de automóvel, após separar-se do agora rei Charles III.

"Lindíssima Michelle Bolsonaro, nossa princesa Diana morena", escreveu uma internauta no Twitter. Muitos postaram montagens de Michelle ao lado das duas celebridades do passado.

O vestido foi feito por estilistas brasileiros de Santa Catarina. O ateliê Luhana Pawlick compartilhou no Instagram fotos da peça e deu detalhes sobre o modelo. "Já sabido do frio londrino, optamos por um vestido midi em lã italiana, com detalhes como a gola em alfaiataria inglesa, o martingale em rolotê (técnica clássica usada em nosso ateliê), e os discretos botões que homenageiam o Reino Unido", explicou na postagem. Os estilistas também destacaram que o modelo respeita o protocolo de vestimentas para homenagear Elizabeth II.

Lula critica viagem a Londres

» VICTOR CORREIA

O candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, ironizou, ontem, a presença do presidente Jair Bolsonaro (PL) no funeral da rainha Elizabeth II, em Londres. O petista participou de um comício em Florianópolis e fez um discurso repleto de críticas ao principal adversário. Lula também comentou a fama de Santa Catarina ser considerado um reduto bolsonarista.

"Ninguém nunca convidou ele (Bolsonaro) para viajar. Ninguém quer vir aqui (ao Brasil), então ele se ofereceu para ir no enterro da rainha da Inglaterra. É louvável a decisão dele de ir. Ele foi pensando que vai encontrar com muitos chefes de Estado e, ontem, ele teve que fazer um discurso no balcão da embaixada brasileira. E sabe o que ele foi criticar? A esquerda, dizendo que ela não vai voltar mais", declarou o ex-presidente. "Ora, não seria melhor que esse genocida tivesse visitado famílias de pessoas que tiveram gente que morreu de covid? Não seria melhor que esse cidadão tivesse falado menos bobagem e tivesse liberado a vacina assim que a ciência mandou liberar?", questionou.

Nas pesquisas locais de intenção de voto, Lula está atrás do atual presidente. Segundo levantamento Atlas e Arko, divulgado na última quinta-feira, Bolsonaro lidera a preferência dos catarinenses com 49,5% das intenções de voto, contra 26,5% do ex-presidente.

O petista também rebateu uma frase repetida por Bolsonaro de que "o meu partido é o Brasil". Segurando uma bandeira brasileira e uma bandeira do PT, Lula declarou que "normalmente, um fascista que não tem partido político, que nunca organizou um partido político, que não gosta do povo, que não respeita ninguém, diz o seguinte: 'o meu partido é o Brasil'. Eu queria dizer para ele que o Brasil não é um partido, é o nosso país", e que "a bandeira nacional pertence aos 215 milhões de brasileiros".

A passagem por Florianópolis encerra o périplo do candidato pela Região Sul, em que a disputa com Bolsonaro é das mais acirradas. Ele fez comício em Curitiba, sábado, e em Porto Alegre, na sexta-feira.

RICARDO STUCKERT

Lula discursa em Florianópolis, encerrando a visita à Região Sul

>> DEU NO www.correiobraziliense.com.br

Ciro propõe financiar smartphone em 36 vezes

Em São Paulo, ontem, o ex-governador do Ceará Ciro Gomes (PDT) participou de uma reunião com associações e empresários do setor de Tecnologia da Informação. "Na conversa, falamos sobre o mercado de trabalho na área, principalmente para os jovens que buscam o primeiro emprego, e sobre o nosso projeto Internet do Povo", disse o candidato em suas redes sociais. Prevista no seu programa de governo, a medida visa financiar smartphones em até 36 vezes sem juros, instalar wi-fi gratuito em comunidades e áreas públicas e oferecer cursos gratuitos de formação na área de tecnologia. O encontro ocorreu a portas fechadas.

Tebet promete acabar com analfabetismo funcional

Em São Paulo, a presidenciável Simone Tebet (MDB-SP) passou a manhã de domingo em visita à Escola do Futuro, em Itapevi, região metropolitana da capital. À tarde, foi ao Centro de Tradições Nordestinas. Em coletiva de imprensa, Tebet elencou a educação como prioridade, caso seja eleita. "Nós temos dois anos para recuperar esse índice de analfabetismo funcional das nossas crianças que ficaram prejudicadas por conta da pandemia", disse a candidata. "O MEC (Ministério da Educação), numa ampla coordenação e com esforço concentrado, estará à disposição de todas as escolas de todos os municípios. Dinheiro não falta. Hoje, só está mal distribuído."